

A morte de Bin Laden

DEPOIS DE TER “PEREGRINADO” por vários países, Osama Bin Laden foi morto aos 54 anos no Paquistão. Na madrugada de 1-2 de Maio de 2011, uma unidade dos SEALs – *Sea, Air, Land* (Mar, Ar e Terra) –, grupo das forças especiais da Marinha dos Estados Unidos, levou a cabo a operação que executou o fundador e líder da Al-Qaeda (*A Base*), em Abbottabad, cidade com guarnição militar localizada a cerca de uma centena de quilómetros da capital paquistanesa, Islamabad. O seu corpo seria resgatado do local e a seguir lançado ao mar de um navio de guerra americano.

A morte de Bin Laden alimentou um certo sentido de justiça e de triunfalismo na luta contra o terrorismo e a Al-Qaeda. Afagou igualmente o orgulho americano e a imagem do presidente Obama. Mas suscitou também novas questões, nomeadamente, sobre o futuro da Al-Qaeda, os reflexos no Afeganistão, a relação EUA-Paquistão e o direito de “ingerência antiterrorista”.

Justiça, simbolismo e poder

A Al-Qaeda é a organização terrorista mais temida, mediática e globalizada do mundo, responsável por dezenas de atentados e milhares e mortos nas últimas duas décadas. Diligentemente, o grupo transformou-se em conglomerado e de rede evoluiu para verdadeiro movimento ideológico, firmando-se pelo terror como principal marca do multifacetado terrorismo islâmico. Ao mesmo tempo, Bin Laden foi erigido em ícone do terrorismo islâmico o que, a par da sua capacidade de escapar aos que o perseguiam, inspirou novas vagas de *jihadistas*. Pelo vasto legado de atrocidades cometidas, a morte da figura de proa da Al-Qaeda e da *jihad* global não poderia deixar de provocar reacções de regozijo por todo o mundo. Por outro lado, a detecção de Bin Laden contribuiu para recuperar a imagem da CIA e das restantes agências de *intelligence* americanas. Mesmo as práticas de tortura cometidas em Guantánamo foram relativamente “esquecidas”, já que a primeira pista que conduziria a CIA a Abbottabad tinha surgido durante interrogatórios a prisioneiros de Guantánamo. Similarmen-

te, o sucesso dos seus comandos especiais. A morte do “inimigo número um” dos EUA reabilitou ou alterou também a imagem do presidente Obama: muitos daqueles que antes o viam como um líder hesitante e complacente com os adversários passaram a percepcioná-lo como tendo a força e a determinação para enfrentar e vencer os inimigos; paralelamente, para muitos dos que até então admiravam o “bom exemplo” do Prémio Nobel da Paz, a incursão em Abbottabad revelou que, afinal, também Obama coloca os interesses dos EUA acima da legalidade e dos princípios universais. Certo é que a execução de Bin Laden se traduziu numa subida imediata da popularidade de Obama na América e será um poderoso trunfo na sua recandidatura presidencial. Após a captura de Milosevic e de Saddam Hussein, a execução de Bin Laden reforça a ideia de que nenhum inimigo dos EUA escapa, o que fortalece a projecção do seu poder. Inevitavelmente, deu ainda a Obama, aos EUA e à NATO maior margem de manobra para prosseguir e acelerar a já antes projectada (até 2014) retirada

da do Afeganistão e aumentar a pressão sobre o Paquistão e outros países na luta antiterrorista.

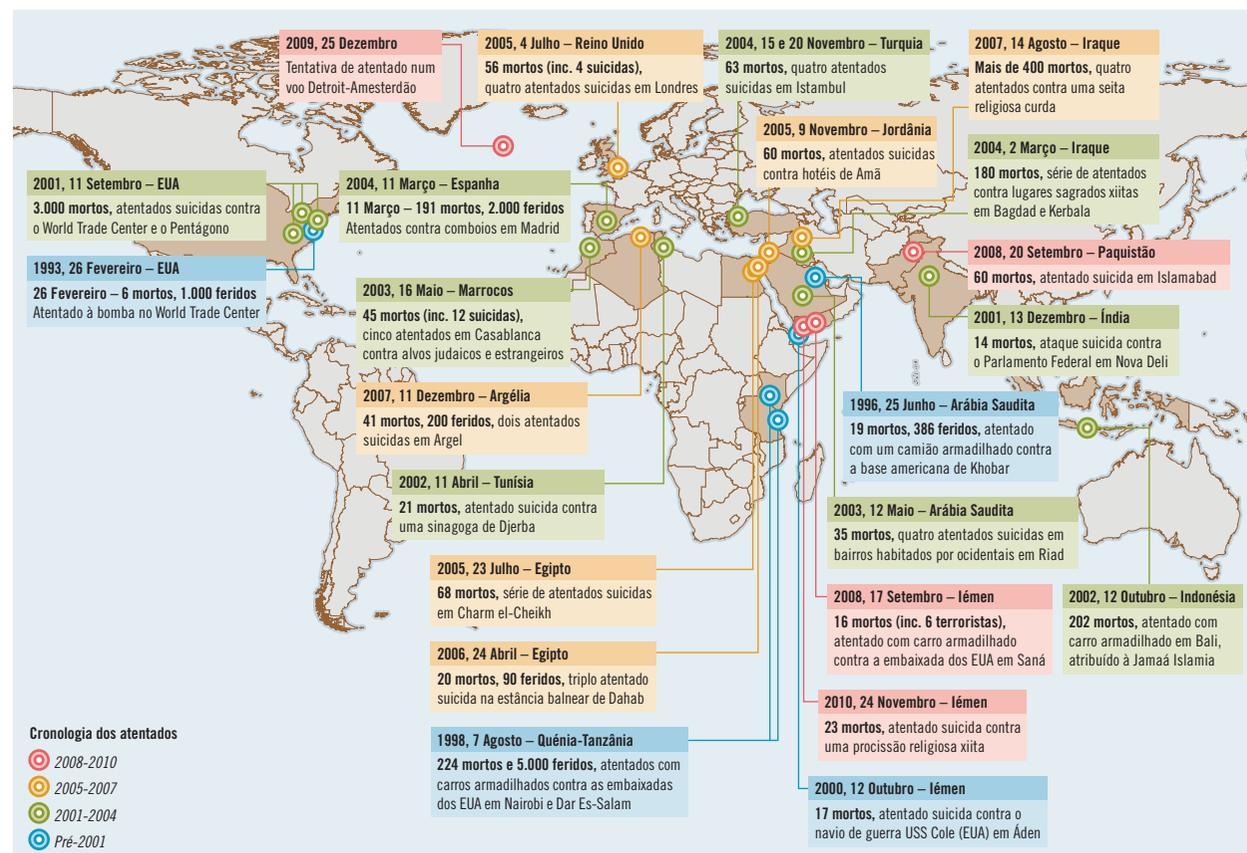
A metamorfose da Al-Qaeda

A morte de Bin Laden ocorreu numa fase de declínio da Al-Qaeda, muito pressionada em resultado da vigilância internacional e dos esforços das forças de segurança nos últimos anos. De facto, parece não ter capacidade para cumprir o aviso que o próprio Bin Laden terá feito no final de Abril – segundo documentos secretos revelados pelo Wikileaks – de que a Al-Qaeda desencadearia um “holocausto nuclear”, caso fosse capturado. Também é significativo que o desaparecimento de Osama ocorra num contexto de insurreições em cadeia no Médio Oriente e Norte de África, instigadas pelo Ocidente e não para viver sob a lei da *sharia* mas antes almejando a democracia, claramente ao invés dos objectivos da *jihad* de Bin Laden. Já em recuo, a morte do líder foi mais um rude golpe para a Al-Qaeda não só pelo perigoso acervo de informações recolhido em Abbottabad pelos americanos mas, sobretudo, pelo significado simbólico e congregador de Bin Laden para todo o movimento.

Ainda assim, a eliminação de Osama não decapitou nem destruiu a Al-Qaeda nem pôs fim ao terrorismo islâmico. Há, aliás, quem tema que o “mártirio” de Bin Laden possa ser mais apelativo no recrutamento de muçulmanos descontentes, até porque Osama já era mais um ícone do que um dirigente activo. A Al-Qaeda soube adaptar-se antes e deverá continuar versátil na sua metamorfose.

As questões mais relevantes prendem-se com a liderança do seu núcleo central e a forma como a actividade *jihadista* mundial se moldará. Em relação à liderança, a escolha do alto *shura* (conselho) da Al-Qaeda recaiu, até ver, no médico egípcio Ayman Al-Zawahiri, antigo número dois e considerado ainda mais feroz e radical. Os seus principais desafios passam por afirmar uma liderança congregadora e assegurar a sobrevivência da Al-Qaeda para depois a voltar a redimensionar.

Quanto à forma que tanto a Al-Qaeda como a *jihad* mundial passarão a assumir, é muito provável que se acentuem duas tendências que vêm de trás: prossecução enquanto movimento ideológico franchisado e fortalecimento dos núcleos regionais. Uma das consequências da pressão sobre a Al-Qaeda



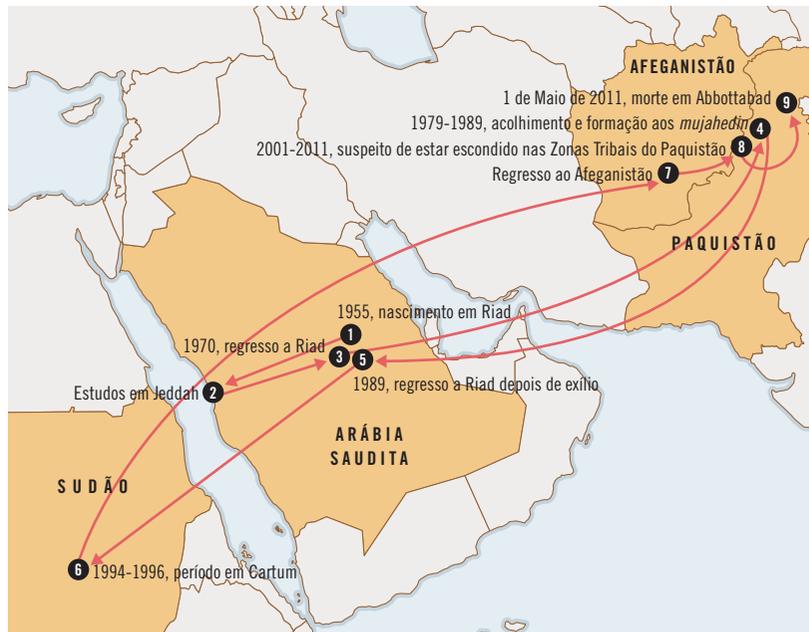
foi a mutação de uma estrutura piramidal e hierárquica para uma organização em rede celular em que os níveis de ligação e comando não são claros entre o núcleo central, as células locais, os *franchisings* e os outros grupos *jihadistas*. Esta modalidade deverá manter-se, com a direcção central menos empenhada nas operações directas (confiadas aos *franchisings* e outros grupos) – sem abdicar de tentar grandes atentados propagandísticos – e mais com o fomento da ideologia e o controlo da estratégia. Nesta perspectiva, as maiores ameaças continuarão provenientes desses *franchisings* e também das “células espontâneas” emanadas daquele movimento ideológico.

Associada a esta, a outra tendência é de uma certa “regionalização” pela afirmação dos grupos e núcleos regionais, sejam estes uma emanção da organização central ou exploração daquela “marca”. Exemplos disto constituem a Al-Qaeda no Iraque (AQI), ou o Grupo Salafista para a Prédica e o Combate (GSPC, com o centro na Argélia) entretanto reconvertido e renomeado Al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQMI). Outros exemplos em franco crescimento são a Al-Shabab e o Hizbul Islam (ambos operam na Somália), o “Emirato do Cáucaso” (liderado por Umarov, alegado responsável por vários atentados no Cáucaso e na Rússia), o Tehrik-e-Taliban Pakistan e o Lashkar-e-Taiba (com base no Paquistão). Mas o caso mais exemplar é o da Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP), baseado no Sul do Iémen: sob a liderança do ex-secretário pessoal de Bin Laden, Nasser al-Wahishi e do prelado americano-iemense, Anwar al-Awlaki, o AQAP não só se independentizou do núcleo central da Al-Qaeda como estendeu a sua influência do Médio Oriente ao Cáucaso e Ásia Central e é responsável por sucessivos atentados falhados nos EUA nos últimos anos.

A morte de Osama pode não trazer grandes mudanças na Al-Qaeda e continua a ser prudente, portanto, ter em devida conta o alcance da ameaça *jihadista*...

EUA-Paquistão

Pelas circunstâncias em que ocorreu a morte de Bin Laden, a situação no Paquistão tornou-se mais complexa e as relações Washington-Islamabad deterioraram-se. Soubessem ou não da presença de Bin Laden e da incursão americana em Abbottabad, o presidente, o governo, o exército e o serviço de *Intelligence*



Peregrinações de Osama Bin Laden. Fonte: *Courrier International*, Junho de 2011, n.º 184.

(ISI) paquistaneses sofreram uma humilhação, com a desconfiança e a imagem de desordem que já reinavam a aumentarem ainda mais, quer entre as estruturas oficiais, quer junto da população e externamente.

“ [...] a questão mais controversa foi [...] a possibilidade de violação da soberania de um Estado na perseguição de um criminoso e em caso de ameaça terrorista.

As autoridades paquistanesas sempre negaram que Bin Laden estivesse no Paquistão e congratularam-se oficialmente com a sua morte. Para aplacar as desconfianças e críticas da comunidade internacional, Islamabad preferiu admitir a incompetência dos seus serviços de informações do que reconhecer o pior: que certos elementos sabiam da presença de Osama e o haviam protegido. Porém, é muito pouco provável que agentes paquistaneses desreconhecessem que Bin Laden estava ali refugiado há anos... Similarmente, temendo ser alvo de ataques de retaliação e de inflamar confrontos populares, Islamabad preferiu alegar total desconhecimento da incursão americana em Abbottabad a assumir que o soubera antecipadamente ou, pior, que tinha colaborado. Todavia, é igualmente muito pouco provável

que nenhuma autoridade oficial fosse avisada, tal como é no mínimo estranho que uma operação estrangeira em plena cidade sua durante 40 minutos tenha ocorrido sem qualquer reacção das forças paquistanesas...

Nos últimos anos foi crescendo o desconforto de Islamabad perante as constantes críticas americanas, com cada vez mais paquistaneses a perceberem o seu país como uma marioneta em função dos interesses conjunturais dos EUA. Por seu turno, as sucessivas Administrações americanas foram tentando explorar a parceria estratégica com o Paquistão, expandindo o auxílio económico e cultivando os laços com as autoridades civis e militares, mas a frustração foi aumentando e o presidente Obama passou a confrontar publicamente as autoridades paquistanesas pelo pouco empenho no combate ao terrorismo e à radicalização. A execução de Bin Laden em território paquistanês elevou o nível de frustração e de desconfiança mútua. A veemente retórica de alguns dirigentes e oficiais paquistaneses contra a intromissão americana, a expulsão de vários agentes da CIA e de militares americanos ou a detenção de vários alegados informadores, bem como o tom de persistente desconfiança por parte de dirigentes americanos e o anúncio de um corte em 800 milhões de USDólares (correspondente a cerca de um terço do valor total anual) na ajuda militar dos Estados Unidos ao Paquistão viriam a comprová-lo e a agravar as já deterioradas relações EUA-Paquistão.

A situação ficou, portanto, mais delicada e complexa num relacionamento decisivo para ambas as partes e no seio de um país onde a instabilidade e a radicalização constituem uma grave ameaça, tanto para a região (Afganistão e Índia incluídos), como para a segurança dos EUA e internacional.

Direito de “ingerência antiterrorista”

Pelas circunstâncias que a rodearam, a morte de Bin Laden abriu várias polémicas, incluindo em torno da execução sem hipótese de julgamento (apenas mitigada pela alegada resistência de Osama) e do lançamento do seu corpo ao mar (relativizada, dados os riscos de criar um local de culto indesejável). Mas a questão mais controversa foi o exercício de um verdadeiro “direito de ingerência antiterrorista”, ou seja, a possibilidade de violação da soberania de um Estado na perseguição de um criminoso e em caso de ameaça terrorista. Depois do “direito de ingerência humanitária” enunciado pela Administração Clinton (Kosovo) e da doutrina apelidada de “guerra preventiva” da Administração W. Bush (Irão), ao assumir abater um inimigo em solo estrangeiro, à revelia das autoridades nacionais e sem qualquer autorização expressa do Conselho de Segurança da ONU, a Administração Obama exercitou mais um “direito” para os EUA actuarem, se necessário unilateralmente, em qualquer parte do mundo, violando a soberania alheia na defesa e promoção dos interesses americanos, desta feita em nome da luta antiterrorista.

Em boa verdade, as incursões em território alheio são há muito praticadas pelos EUA e outras potências, sob várias formas e diferentes pretextos; por outro lado, a Estratégia Global Contra o Terrorismo e várias resoluções da ONU apontam no sentido de a comunidade internacional se dispor a actuar, sob todas as formas, contra aqueles que apoiem o terrorismo, incluindo Estados. De qualquer modo, a ingerência que levou à execução de Bin Laden “formaliza” mais um novo e delicado precedente que os mesmos e outros poderão invocar no futuro.

Não se vence uma guerra matando terroristas nem se acaba com o terrorismo eliminando o seu ícone. Mas o mundo ficou certamente mais descansado com a morte de Bin Laden. Ainda está para se ver se se ficou efectivamente mais seguro... ■